

A QUESTÃO DA LEITURA EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL

SANTOS, Zulineide Lima dos

LIMA, Márcio Cardoso (Orientador)

Pós-graduado em Didática do ensino Superior, Professor do Curso de Letras Português
Da Universidade Tiradentes – UNIT

mcardoso@uol.com.br

mcardosolima@emsergipe.com

RESUMO

O presente artigo é uma tentativa de fornecer uma breve análise sobre a questão e da aquisição e desenvolvimento de habilidades de leitura no contexto do ensino e da educação fundamentais. Para tanto, fundamentou-se o presente artigo nos principais autores que discorrem sobre a temática, bem como as importantes contribuições dos parâmetros curriculares nacionais no tocante ao desenvolvimento da leitura no contexto da educação e ensino público. O presente artigo apresenta-se dividido em três etapas com uma introdução onde são explicitadas noções gerais sobre como historicamente as instituições escolares brasileiras têm tratado a questão da aquisição da leitura pelos alunos que dela fazem parte; num segundo momento são demonstrados argumentos sobre a validade e sobre os aspectos positivos que o desenvolvimento da habilidade da leitura e interpretação de textos pode oferecer ao aluno ingresso no sistema público de ensino; no terceiro tópico são reiteradas as co-relações existentes entre o aprendizado da leitura e da interpretação de texto como instrumento viabilizador do processo como um todo. Na conclusão, menciona-se a importância segundo a qual o trabalho do professor, ao querer estimular o aprendizado da leitura entre seus alunos devam ocorrer mediante uma proposta que valorize a contextualização do universo do qual seus alunos estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; interpretação; contextualidade.

Historicamente as instituições escolares têm disseminado no contexto de seu fazer didático-pedagógico e curricular, certo preconceito lingüístico, sobretudo ao desconsiderar as múltiplas variedades de dialetos existentes no Brasil, que possuem como característica recorrente o fato de identificar a origem geográfica e social dos falantes, isto é, identificam a fala das pessoas pela forma como falam. Nesse sentido, a escola precisa livrar-se desses preconceitos, vislumbrados na exigência de adoção de apenas uma única forma “certa” de falar, aquela que se parece e aproxima-se com a forma escrita prevalecente, e o de que a escrita é o espelho da fala do aluno para evitar que o aluno escreva errado.

As concepções retroexpostas produzem uma prática de ensino da Língua materna que conduz a uma mutilação cultural, que desvaloriza a forma de falar e de pensar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes; denotando desconhecimento de que a escrita de um língua é produto da evolução histórica do uso dos diversos dialetos que contribuíram para sua formação, ainda que um deles goze de maior prestígio, ou possua uso mais freqüente em um dado momento histórico.

Fato é que, o aprendizado de interpretação de textos, revela a necessidade de mudanças de comportamento dos alunos, em face dessa tarefa e em busca da habilidade de ler, compreender e interpretar; uma vez que, o trabalho de interpretação de texto, acaba por conduzir a quem o realiza a um processo de auto-conhecimento, renovação de perspectivas e a possibilidade de criar algo novo, produto de sua interpretação. Consideramos que a criatividade não é apenas privilégio da elaboração de um texto, mas um processo de abertura para o mundo, que é “oferecido” ao leitor /aluno em seu recriar. Ao defrontar-se com o texto, o aluno realiza uma introspecção, ou seja, um “mergulhar”, um olhar dentro de si próprio, e nesse exercício, é capaz revelar a versatilidade do seu pensamento.

[...] narrar é um fato que acompanha o ser humano desde seus primórdios; haja visto as gravações nas cavernas, os papiros, que são exemplo de narrações. Os mitos históricos

que tratam das origens de um povo, de objetos, de lugares, transmitidos pelos povos através das gerações, são também narrativas; a própria bíblia sagrada contempla e compreendem muitas: da origem do homem, dos milagres de Jesus, e etc. [...] (VILARES, apud FOUCAMBERT, 1994, p.6).

Contemporaneamente, pode-se citar um número razoável de narrativas, a exemplo das existentes em novelas de TV, nos filmes de cinema, peças teatrais, notícias de jornal, gibi, desenho animado. Muitas são as possibilidades de ensinar língua portuguesa através de textos narrativos. Sob a ótica pedagógica, observa-se que textos narrativos favorecem a reflexão crítica e a imaginação, num exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, tão relevantes para plena inserção de alguém e sua participação numa sociedade letrada.

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de se fazer instrumento também do educando e não só do educador, e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro, ao considerar o conteúdo da aprendizagem como parte do processo de aprendizagem (FREIRE, 1983, p.72).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais ao enfocarem suas propostas quanto aos objetivos que o ensino de Língua Portuguesa deve perseguir, sinaliza como conquista desejável, a expectativa, segundo a qual os alunos ao completarem os oito anos de estudos (correspondentes ao Ensino Fundamental), devam estar aptos, no que concerne à linguagem, e serem capazes de resolver problemas básicos da vida cotidiana. Assim,

“[...] evidências do fracasso escolar exigem a necessidade da reestruturação do ensino da língua portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita” PCN- Língua Portuguesa, (1997, p. 19).

Ao observarmos no cotidiano escolar, as dificuldades que a maioria dos alunos apresentam quanto ao trabalho e processo de interpretar o que lêem, diante dessa realidade o professor quase sempre procura valer-se de uma prática didático-pedagógica, que explore, com mais frequência e maior eficiência, os textos em sala de aula inclusive sob a tônica da interdisciplinaridade, sendo, portanto, objeto de qualquer área do conhecimento humano. Importante destacar que, o sucesso de tais abordagens pedagógicas requer a participação e o envolvimento dos professores no sentido de otimizarem as atividades didático-pedagógicas no contexto de sua disciplina, facilitando a aprendizagem dos alunos.

O exercício intelectual de interpretação de textos narrativos oferece um rico campo de métodos e idéias capazes de conduzir eficazmente, favorecendo o desenvolvimento da habilidade interpretativa no aluno. Nesse sentido, as estruturas lingüísticas vão se tornando mais complexas à medida que as séries vão avançando, e, quanto antes os alunos adquirirem o domínio sobre elas, mais facilmente se adaptarão às exigências que lhes forem impostas.

Importante salientar que, cabe ao educador viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a lê-los, interpretá-los e produzi-los. Essa tarefa inclui textos narrativos com os quais o aluno se defronta sistemática e cotidianamente no ambiente escolar, e mesmo fora deste.

De modo geral, não se pode desconsiderar que, é através da leitura, que os seres humanos socialmente considerados exercitam suas inteligências, promovem o processo de inclusão e integração com o mundo, adquirindo, a partir das práticas de leitura, novos conhecimentos. Sob essa perspectiva, é que, pouco a pouco, os indivíduos tornam-se mais aptos para dominar assuntos em diversificadas situações.

Assim, tanto a leitura como a escrita adquirem um lugar importante na vida das pessoas, uma vez que elas propiciam a conquista do conhecimento e as instâncias de poder que são estabelecidas a partir deste; a exemplo da capacidade de associar idéias, planos, sintetizar assuntos, que em seu conjunto contribuem para a construção da consciência crítica, bem como desperta e renova a criatividade.

Para o desenvolvimento do hábito da leitura, há de existir uma prática cotidiana, que incorporada no dia - a - dia das pessoas (estudantes ou não), torne-se inclusive um prazer, capaz de transformar o cotidiano, pois o livro é ótima companhia. Muitas vezes, através de uma boa leitura, podemos viajar por lugares inimagináveis.

O ato de ler, antes restrito a ambientes fechados, hoje acontece em todos os lugares. Lê-se em casa, mas lê-se também nos bancos das praças, nas ruas, no ônibus, no metrô, nos aviões. Além de outros textos nas mãos, o indivíduo recebe outras mensagens escritas: anúncios, panfletos, placas, outdoors, etc. A história de vida do homem é toda baseada por documentos escritos.

De acordo com Freire (1996, p.11) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

O ato de ler, veio-lhe na sua experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, depois a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi à leitura da “palavra mundo”. Na verdade, aquele mundo especial se dava a ele como o mundo de sua atividade perspectiva, por isso, mesmo como o mundo de suas primeiras leituras.

Reitera (Freire, 1996, p.12)

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto em cuja percepção me experimentava e, quando mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia

aprendendo no meu trato com eles na sua relação com seus irmãos mais velhos e com os meus pais.

São muitas e diferentes as circunstâncias da vida, e por isso, em face delas, as pessoas produzem suas leituras de modo diferente. O mundo da leitura tem muitas surpresas, lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, lê-se em busca de diversão e descontração.

Ler é libertar-se, pois só pode ser livre aquele que sabe. Nenhuma liberdade pode ser fundada na ignorância, portanto o livro é o fundamento primeiro da liberdade. Se alguém deseja o bem ao próximo, seja a seu filho, parente ou vizinho, crie os meios para que leia, dê-lhe livros de presente, pois livro é vida e consciência.

Ler é conhecer. Sem a leitura estamos condenados às trevas da ignorância. O povo cristão, assim como o povo judeu e os povos de qualquer tradição, são os povos do “livro”, ou seja, da linguagem escrita que contém o domínio de cada civilização. Podemos dizer que, hodiernamente em nossos tempos agora são utilizados os meios eletrônicos alternativos, novas mídias, mas essencialmente o livro como o conhecemos é ainda o depositário e o veículo dos grandes tesouros culturais.

Ler constitui também o instante sublime da estética, pois na linguagem escrita é que é possível a expressão da mais fina poesia. Assim, nenhum filme é feito sem um roteiro, um elemento literário. Ler é também o fundamento da imagem e da arte em geral, nesta perspectiva, Literatura é a Grande Arte.

Sabe-se que a leitura é um processo de contínuo aprendizado. Alguém acostumado a ler, busca respostas para suas dúvidas e atualiza-se sempre que necessário. E hoje vivemos numa época, que se valoriza o conhecimento e o talento técnico, em detrimento ao raciocínio. A leitura é indubitavelmente mola propulsora que ajuda a formar seres pensantes, preparados

para a vida. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo.

A leitura deve ser sinônima de espontaneidade e liberdade. Para isso, o professor, em meio aos processos que envolvam o estímulo a leitura, deve deixar o aluno escolher o livro de seu interesse ou pelo menos sugerir, dar palpites, não negando, ao aluno, a liberdade de divergir. Feita a leitura, para avaliar o aluno pode-se utilizar atividades lúdicas como: jograis, dramatização, debates, gincanas, trabalhos em grupos etc. Enfatizando sempre que, o importante não é o resultado, é o processo.

É função essencial da escola, ensinar a ler. É função da escola, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita, e orientar a escolha dos materiais de leitura. O professor tem que ser, antes de tudo, um leitor. Dessa feita, professor que não lê, jamais trabalhará bem com a leitura. Ele precisa ler muito, gostar de ler e fazer com que os alunos leiam, precisa ler para eles, com eles e saber ouvir a leitura, que seus alunos fazem do texto estudado ou dos textos que eles próprios produzem. O professor precisa ter preparo teórico e metodológico, e saber que a escola é o lugar natural da leitura.

A leitura é um dos instrumentos indispensáveis para o enriquecimento do homem, que habilita as pessoas no mercado de trabalho sendo sua ausência, fator de exclusão nesse mercado. Os alunos devem atentar para o fato de que aprender a ler é interessante e divertido, e que esse aprendizado lhes permitirá serem mais autônomos. A leitura é o grande ato de liberdade do espírito.

Mesmo reconhecendo o valor da leitura, tanto para o conhecimento quanto para a observação de aspectos da vida e da capacidade de comunicação com o mundo, diversas pessoas continuam não sendo leitores habituais. Muitos de nós desenvolvemos aversão pela leitura porque nossos professores obrigavam-nos a ler textos sem grande interesse para nós,

quase sempre distantes dos contextos nos quais a educação era desenvolvida, associando essa tarefa a trabalhos e notas, que por isso acabamos sendo prejudicados.

Segundo Freitas apud Freire (1989, p. 35):

“a falta do hábito de alguns professores em utilizar livros como recurso de ensino-aprendizagem demonstrou que a metodologia por eles utilizada, sem a orientação do grupo, poderá provocar nos seus alunos uma certa rejeição pela leitura com lazer”.

No mesmo sentido, e consoante o mesmo autor:

“O hábito da leitura constitui-se em preocupação dos professores. No entanto, eles encontram dificuldades para implementação, porque não dispõem de recursos bibliográficos. A própria formação de magistério é feita na maioria das vezes desprovida da prestação de serviços bibliotecários adequados, característica das escolas brasileiras”.
(Freitas, apud Freire 1989, p. 37)

Fato é que, o hábito da leitura é criado a partir de estímulos, em idade adequada e a forma como se trabalha a mesma colabora muito para se criar uma geração habituada a ler. Uma geração habituada a ler, que com certeza terá uma linguagem muito mais ampla e valiosa, fazendo parte de uma sociedade onde poderá participar e argumentar, mostrando a força da palavra quando se tem leitura e conhecimento.

A leitura não só desperta nos alunos o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler, como também, contribui para despertar a valorização exata das coisas, desenvolver suas potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, ampliar seus horizontes e progredir.

É cristalino o fato de que, a leitura permite o desenvolvimento do ser, devendo fazer parte das necessidades das pessoas, devendo ser motivada a cada dia pelos professores, pelos pais e pela própria comunidade que precisam estar seriamente convencidas da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Ressalte-se que, a escola e sua relação com os processos que objetivam estimular os alunos a desenvolverem o hábito da leitura, tem formado “leitores” que não sabem interpretar e não reconhecem nenhum proveito ou forma de lazer e prazer com o ato de ler.

Claro está que, o desenvolvimento da leitura, há de ser realizada tanto pelo aluno como pelo professor, e diariamente; quanto menos os alunos souberem ler, mais devem ser desafiados a ler, e mais devem ouvir as leituras feitas pelo professor e demais pessoas.

Vale lembrar que, na infância, a leitura realizada no ambiente escolar, era a mesma e ocorria durante semanas, sendo cobrada todos os dias como obrigação, de forma repetitiva e cansativa. Na atualidade, esse enfoque não sofreu significativas mudanças. Diante desse estado de coisas necessário se faz um trabalho didático-pedagógico, capaz de incentivar aos alunos que realizem suas leituras por prazer, e motivados a descobrirem algo novo, na certeza de constatar que a cada leitura realizada aumenta a gama de conhecimentos.

Claro está que, a escola já não é o espaço único ou principal centro de aprendizagem das crianças e jovens. Um amplo e vasto universo de possibilidades de leitura, está sendo construído. Desta feita, vemos que os de contatos na comunicação social, os amigos e a família, a Internet são hodiernamente elementos mais importantes que a escola, no processo de formação do indivíduo, inclusive no que tange ao aspecto de desenvolvimento das suas capacidades, habilidades e atitudes.

O professor, no contexto do seu fazer profissional em sala ou mesmo fora dela, deverá proporcionar aos alunos diferentes tipos de textos, onde eles conheçam as

características da linguagem escrita, para que se tornem usuários da escrita e da leitura na vida cotidiana e que consigam extrair sentido nas palavras e colocar idéias no papel por meio do sistema da escrita.

Nestes termos, pode-se dizer que, saber ler, e ter o prazer de ler, ou seja, poder ler é, ter acesso ao mundo da escrita, saber ler é principalmente envolver-se com a leitura, ter entusiasmo pela sapiência do mundo e do conhecimento, realizar descobertas, captar a realidade pelo imaginário, entre outras possibilidades.

É necessário realizar, em face dos processos para o desenvolvimento da leitura e da escrita, atividades integralizadoras com os professores das escolas, pois estes são o maior elo motivador da leitura para os alunos, após as influências familiares na escola. Portanto, é estimulando, criando e incentivando o hábito de leitura, que a atividade profissional do professor, pode-se revelar a todos os integrantes das escolas, a importância da construção do hábito da leitura, na formação de um cidadão.

O hábito da leitura deve ser estimulado nos primeiros anos de vida escolar. Porém é impossível negar que a maioria das escolas lamentavelmente ainda não possui infra-estrutura desejável para a conscientização do hábito da leitura. A leitura não pode ser tomada como algo sofrido, mas, acima de tudo, como algo útil, satisfatório. Um trabalho valorizado.

A leitura como tantas outras atividades humanas é uma ação cultural do ser humano, sendo aprendida no decorrer de sua existência a partir das relações estabelecidas na sociedade em que vive. O maior ou menor acesso a esta atividade cultural e política depende de inúmeros fatores que envolvem as relações sociais, sendo que todo indivíduo está potencialmente propenso a sua apreensão diante das condições disponibilizadas para isso.

A leitura como instrumento de comunicação e veiculação da cultura só se completa quando inserida em um contexto de leitura de mundo “segundo FREIRE (1989:11); quando a decodificação dos símbolos leva à interpretação e intervenção nos fatos que compõem o

cotidiano social, a cultura assume assim, um caráter político ideológico, possibilitando ser o cerne de uma ação emancipadora no enfoque da “Educação como Prática de Liberdade”.

Nesse passo, a leitura deve ter como principal objetivo a formação para conquista da autonomia, possibilitando um domínio crítico dos códigos e simbologias neles incorporados. Deve instrumentalizar, para o acesso ao discurso do outro e para a elaboração do discurso próprio, a partir da observação de outras produções, pois citando FREIRE (1989:21) a “importância do ato de ler (...) implica sempre percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido”.

Reafirmando a importância da leitura como instrumento da linguagem, portanto também como expressão da cultura e da cidadania atentamos para as dificuldades incorporadas à prática escolar como fatores de negação da pluralidade étnico cultural na educação, além de fator de manutenção das desigualdades sociais do país.

Segundo o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa devem ter como pontos de partida e chegada o uso da linguagem; partindo essa aprendizagem dos pressupostos de que a aquisição e o uso da leitura e da escrita devem ter como foco a compreensão e a interlocução ativa com as mensagens processadas nos diversos contextos.

A lingüística e a psicolingüística contemporânea têm possibilitado uma visão mais ampla sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita, e que indubitavelmente interferem no processo de interpretação, inclusive de textos narrativos. Seus estudos têm trazido contribuições que nos tem possibilitado uma maior compreensão do caráter estruturado e predominantemente discursivo da língua escrita.

Segundo FOUCAMBERT (1994:8) “A leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito: 20% de informações visuais, provenientes do texto: 80% de informações que provém do leitor; o resto é informação sonora...”

Sob essa perspectiva, a leitura de mundo do educando se constitui em sentido ao ato da leitura, sendo que essa leitura de mundo é podada pela ação autoritária da relação educativa. Há um esvaziamento na construção da leitura que bloqueia o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Sendo o papel da leitura foco principal do processo de aprendizagem primordial nesse mesmo processo, consideramos relevantes os eixos específicos para leituras colocados por FOUCAMBERT (1994:10), em relação à formação docente:

Fornecer aprofundada sobre leitura (...)

É indispensável que o currículo de formação inicial dos professores e os estágios de formação contínua dediquem espaços significativos a essa informação, que está disponível, porém não divulgada.

Tornar conhecidos os textos disponíveis (...) A escola deve ajudar a criança a tornar-se leitor dos textos que circulam no social e não limitá-lo à leitura de um texto pedagógico, destinado apenas a ensiná-la a ler.

Com esses encaminhamentos, ele enfatiza que a instrumentalização do professor como sujeito leitor fez dele o principal meio de formação dos alunos no mesmo hábito.

Os estudos de Ferreiro & Teberosky (1985) apontam a leitura-escrita como principal objetivo da instrução básica, bem como instrumento fundamental para o desenvolvimento do conhecimento. Mostram também que a mecanização e a descontextualização processadas na prática pedagógica têm se constituído em entraves à aquisição da escrita, e com tal, transforma-se em fonte do fracasso no alcance do objetivo do desenvolvimento efetivo dos educandos.

Priorizando em seus estudos a compreensão da forma como a criança aprende, enfatiza o caráter processual da leitura e da escrita e a necessidade de que o processo de

alfabetização e letramento sejam iniciados a partir de um contato íntimo com as regras da língua escrita e com sua função na sociedade.

A partir dessa concepção e da busca de possíveis fatores contribuintes para a imagem da leitura como atividade mecânica no processo de escolarização, faz-se necessário que a dinamização do processo de leitura e escrita seja um dos caminhos indispensáveis à prática pedagógica do professor.

Aproximar os alunos aos diferentes tipos de material de leitura, contextualizando os diferentes tipos de leitura, motivando os alunos a refletir sobre sua função social, suas características e formas com vista a uma eficiente leitura e interpretação de textos narrativos, é o foco motivador do presente trabalho, uma vez que precisamos estimulá-los para a leitura como um processo anterior para construção da autonomia, e como tal de liberdade e cidadania. Inserimos esse enfoque no ensino-aprendizagem e interpretação de textos narrativos, sendo um grande desafio em face do caráter predominantemente homogeneizador, formal sem entusiasmo, dissociado de sua atividade e da diversidade de sentidos e características que compõem atividade de expressão e interpretação de textos.

Nesse sentido são preciosas as considerações elaboradas por SAMPAIO (2001:39):

“essa linguagem estática e esse tipo de ensino de caráter monocultural e excludente não atende mais às necessidades da sociedade. Cada vez mais o aluno terá que compreender, interpretar e escrever textos diferentes claros, críticos e criativos. E, principalmente, de compreender os fundamentos sócio-históricos e políticos do conhecimento que está construindo. É preciso que o processo educativo que ocorre em sala de aula permita-lhe perceber que a língua, bem como qualquer outro conhecimento em construção, existe em função de um contexto interligado às relações sociais, ou seja, em função do sentido que o envolve”.

A preocupação que tem motivado nossa trajetória e a partir da qual buscamos através deste trabalho entender os caminhos e possibilidades de transformação na prática, da aprendizagem da Língua Portuguesa, e da interpretação de textos, centra-se na percepção de que, na maioria das vezes, temos feito da sala de aula espaço de desarticulação entre língua e linguagem, esvaziando assim, através de atividades mecânicas, de fragmentação de conteúdos, o sentido do ensino dessa língua que como produto cultural está envolvida em aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e ideológicos, pois:

[...] a Língua é parte da cultura da sociedade onde é usada, constituída em um processo histórico, portanto, está imbuída dos demais valores dessa sociedade, entre eles a concepção de mundo, de ser humano, de sociedade e de conhecimento (...) A valorização das normas legitimadas como cultas de uma língua e sua relação com a diversidade lingüística presentes nessa sociedade é processada com base nas relações de poder que ali se estabelecem (LIMA, apud Kramer 1993:1).

A discussão quanto à promoção no contexto escolar do ensino fundamental, de práticas didáticas e pedagógicas que otimizem o exercício da leitura e como desdobramento deste ao da interpretação de textos, é de crucial importância para a formação da cidadania dos alunos de modo geral. Nesse sentido, os procedimentos que tanto a escola instituição, quanto e sobretudo do professor de Língua Portuguesa e Redação, devem ser estruturadas e efetivadas mediante uma postura pedagógica que valorize o aprendizado preexistente dos alunos, contextualizando-os com as atividades desenvolvidas em função do aprimoramento e / ou da aquisição da habilidade da leitura.

Não se pode pensar a questão do desenvolvimento dos hábitos de leitura no contexto do ensino fundamental público, sem ter como pressuposto o aprendizado do mundo e da vida que os alunos trazem consigo ao ingressar no espaço escolar. Tais afirmações se referem tanto

ao aluno das séries menores, quanto àqueles que já estão cursando as últimas séries do ensino fundamental. Bom ressaltar que, a valorização das visões de mundo e das opiniões dos estudantes, pode se constituir em elemento capaz de estimular os alunos em suas trajetórias a caminho da conquista da habilidade de ler e interpretar textos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. São Paulo, 1979.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários e prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1994.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

KUENZER, Acácia Zeneida. **A formação de educadores: novos desafios para as faculdades de educação**. Caxambu/MG: Anped, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura à leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Ática, 1994.

SOARES, Magda Becker. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. São Paulo: Ática, 1998.